

CINEMA

"King Kong", o terror que durante 37 anos tem provocado calafrios e desmaios, está de volta, numa reprise sensacional, promovida pelo Júri de Cinema, no Pathé. Há ainda uma versão musical e colorida de "Adeus, Mr. Chips", no nôvo Nazaré. Os cartazes (a maioria para a garotada), com o crítico PAULO ARBEX:

OS FILMES DAS FÉRIAS

Uma reprise muito importante, "King Kong" certamente vai despertar o mesmo interesse e curiosidade do tempo de seu lançamento. O análogo, filme de reconquista de bilheterias e 27 anos depois de sua famosa "première" em Nova York continua ainda tão moderno e desafiante em suas visões. O diretor, James Whale, programou em 6 meses de cinema, "King Kong" e um filme revolucionário em sua técnica e tem provocado câlculos em suas visões. O diretor, James Whale, programou em 6 meses de cinema, "King Kong" e um filme revolucionário em sua técnica e tem provocado câlculos em suas visões. O diretor, James Whale, programou em 6 meses de cinema, "King Kong" e um filme revolucionário em sua técnica e tem provocado câlculos em suas visões.

O musical reanunciar com a nova versão de "Adeus, Mr. Chips", do coreógrafo Herbert Ross, com Peter O'Toole e Fátima Clark, estraido de uma novela de James Hilton. Depois da descoberta de Julie Andrews e Barbara Streisand, chegou a vez de outra cantora ser incluída no estrelado: a super-produção inglesa é em "MGM" e "road show".

Vai voltar a comédia de Robert Mulligan que tanto sucesso alcançou alguns anos atrás, "Quando Setembro Vier" com Rock Hudson e Gina Lollobrigida.

Poderá obter rasgado acolhida o nacional "Marcelo Zona Sul", que surpreendeu a opinião pública carioca. É "Adeus, Mr. Chips" (Femina Infidel), de Claude Chabrol, que estava programado para a semana anterior, vai agora ser mesmo lançado.

Continua em cartaz "Sete Noivas para Sete Irmãos", no Cineclube, "Se o meu 'Fusca Passar', no Jacques", e "Mina Pi de Lancelina Lima", no Metrópoli.

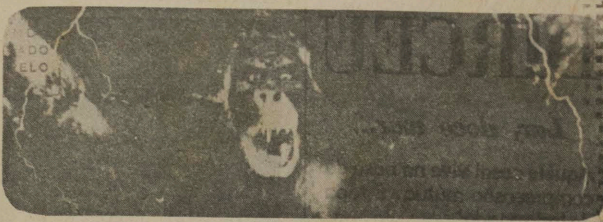
KING KONG (King Kong) — Volta em exibição o famoso clássico de 33, dirigido por Ernest B. Schoedsack que tanto sucesso tem alcançado em todo o mundo. O filme custou à RKO 42 mil dólares e sua finalização a escola da ficção científica de modo definitivo.

"King Kong" é um dos maiores roteiros de bilheterias que a indústria do hoje é considerado uma obra autológica do cinema mundial. Segundo as palavras de Elio Siqueira, "King Kong" é o primeiro filme da história do cinema no qual certo recorde foi simultaneamente todas as grandes ideologias do nosso tempo. Quando a miríada de Skull Island se abre, estamos não somente diante de Kong, mas também sob a sombra inquietante de Freud e Jung. Ainda hoje, 27 anos depois, "King Kong" não só continua atual como ainda encerra em si o tempo. O filme também é uma sátira lúbrica e sexy e um acervo de propositos gigantescos. Os planos se modificam à medida que a ação se desenvolve e ela é salva, várias vezes por King Kong. Em Nova York, o gorila é visto como estrangeiro que com a moça e no cume do Empire State Building é destruído por aviões. Uma produção importante e válida, "King Kong" suscitou uma série de imitações e continuações. Devemos registrar que a primeira versão exibiu uma cena que depois foi cortada, não sei porque: o "strip-tease" de Fay Wray pelo monstro, quando o gorila arranca ao pouco as vestes da heroína indefesa. Muito elogiada a edição especial de Willis O'Brien. O argumento é do especialista Edgar Wallace, escrito em parceria com o produtor Marian C. Cooper. Do elenco participam Bruce Cabot, Robert Armstrong, Fay Wray, Sam Hardy, Frank Reicher e James Flavin. A partitura musical é de Max Steiner. O famoso David O. Selznick (o Vento Levou) foi o gerente de produção. "King Kong" será visto pelo Fama, no Cine Pathé, promovido pelo Júri de Cinema. Quinta-feira, Cinema: 10 anos. Horário: 14, 16, 20 e 22 horas.

ADEUS, MR. CHIPS (Goodbye, Mr. Chips) — A famosa novela de James Hilton foi levada à tela pela primeira vez em 20 por Sam Wood, com Robert Donat e Greer Garson, nos papéis agora vividos por Peter O'Toole e Fátima Clark. A antiga versão obteve um enorme êxito popular e deu ao seu principal intérprete o "Oscar" de Hollywood. Transformado em musical, a fita foi também várias vezes candidata e por pouco O'Toole não conquistou o prêmio como o melhor ator. O famoso teatrólogo inglês Terence Rattigan, antigo colaborador de Anthony Asquith em filmes como "Nunca é tarde" e "A Mulher Paulista", se responsabilizou pelo roteiro e pela adaptação moderna, modificando várias situações e reduzindo o sentimentalismo. Mr. Chips é o invulgar professor de uma tradicional e rígida escola inglesa e sua mulher, Katherine, é agora uma artista do burlesco no autono de sua carreira. O diretor é o estreitado Herbert Ross conhecido bailarino e coreógrafo que no cinema havia contribuído com os balados de "Dr. Doobille" e "Penny Girl". Ele afirma que procura "formar a câmera do momento" quando o filme tem o ritmo de um "papel maravilhoso, quase cheiroso em alcance de profundidade". A famosa cantora Fátima Clark, foi a escolhida, de-



QUANDO SETEMBRO VIER



ADEUS, MR. CHIPS

pois de sua participação em "O Caminho do Arco-Íris", Michael Redgrave, pai de Vanessa, e George Baker são outros intérpretes. As grandes cenas escritas por László Bíró, mesmo de Oliver, "A Fotografia de Oswald" e Morris, das experiências cronológicas com John Huston em "Moby Dick" e "Moby-Dick". Produção da Metro, com 131 minutos, em panoflexão (16mm) e periscopio, quinta-feira, no Cine Nazaré, Cinema livre.

MARCELO ZONA SUL — Um desprezível filme, dirigido e escrito por Xavier de Oliveira, que obteve grande sucesso de público no Rio e que foi apresentado em Cannes na Feira Internacional de Filme. As aventuras de Marcelo, um menino de 15 anos, filho de um funcionário público que procura fugir do esquema imposto pelos adultos. Participam do filme Sérgio Marcondes, Francisco Portier, Ieda e Francisco Portier. Terceira-feira, quinta-feira, nos Cines Tamariz e Arte, Cinema livre.

ELE E AS TRÊS NOVIÇAS (Change of Habit) — Três novas são enviadas como assistentes sociais para uma pobre família de portorriquenses. Naturalmente, as abnegadas freiras vão trabalhar com o médico (J. Elvis Presley) e para isso trocam seus hábitos por vestidos mo-

dernos e a tocam por penteados da moda. Erisa, o rei do rebolado dos anos 60, canta para os seus últimos ouvintes. Mary Tyler Moore, a estreante de "Mills", a cantora "velada" Barbara McNair e uma tal Jane Elliot são as três noivas providenciadas pelo diretor William Graham, de "Ouro e que Ouro Vale", um rasgado western satírico de James Coburn. Produção da Universal, em technicolor, quarta-feira, no Cine Roxy, Cinema livre.

JIM, UM COWBOY NA AFRICA (Cowboy in Africa) — Depois de "Mogambo", de John Ford, e "Hattari", de Howard Hawks, chegou a vez de Andrew Marton fazer o seu safari em Quênia. O diretor é um conhecido globe-trotter e na África já havia rodado anteriormente a super-produção "As Minas do Rei Salomão", com Debra-Fey, Kirk e Stewart Granger. Outra vez tivemos a oportunidade por Hugh O'Brien, o veterano John Mills, pai de Elizabeth Taylor, faz um rancho inglês, Adrienne Cori é uma rainha na tribo dos Masai, e Nigel Green, Tom Nardin completam o elenco principal. Produção de Ivan Tors, distribuída pela Paramount, em

technicolor, quinta-feira, no Cine Metrópoli, Cinema: 10 anos.

BOMBAS EXPLOSIVAS (Das Mafioses del FBI) — Chanchada à italiana, com a dupla Cicco Ingrassia e Franco Franchi, e ainda com Vincent Price como Dr. Goldfoot, o personagem de Mario Bava, que fez o autoprocedente "A Mascara do Demônio", temos ainda o western satírico de James Coburn. Produção da Universal, em technicolor, quarta-feira, no Cine Roxy, Cinema livre.

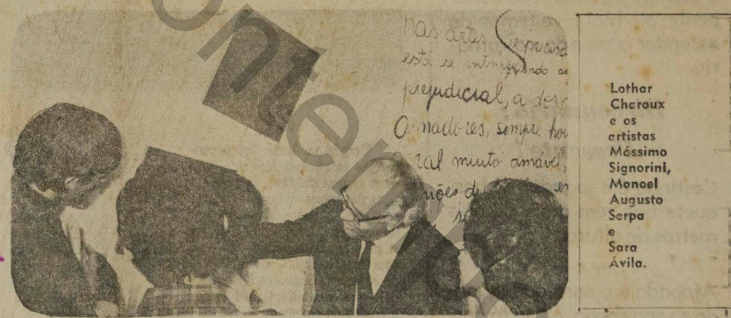
UM MINUTO PARA REZAR, UM SEGUNDO PARA MORRER (Setenta e Morte) — Faroseta à italiana com um grupo de atores badalados: o americano Charles Bronson, o boia-polesta da Fox dos anos 60, o cubano Thomas Mullan, o brasileiro Adolfo Celli, Enrico Maria Salerno, Eleanore Brown em a revelação de "Dius Mulhère", e o objeto Robin Clark. O diretor atende pelo nome de Mario Landfranchi. Apresentação Marie Films, em technicolor e technicolor, quinta-feira, no Cine Brasil, Cinema: 14 anos.

ARTES

Morgan Mota



Escultura de Vojin Bakić, em exposição no Museu de Arte Moderna da Prefeitura



Lothar Charoux e os artistas Máximo Signorini, Manoel Augusto Serpa e Sara Ávila.

CHAROUX, CONCRETISTA

Encerra-se hoje, na Galeria da Associação Mineira de Imprensa, mostra individual de Lothar Charoux. Artista muitas vezes premiado, Charoux apresenta desenhos e gravuras, num total de 18 trabalhos. Líder do movimento concretista em São Paulo, Charoux justifica seu nome entre os mais importantes artistas contemporâneos. O artista não explora somente os geométricos ou os efeitos óticos, o que seria de se esperar em se tratando de um "concretista"; mas vai além e, sem dúvida, uma boa parcela dos gravuras e desenhos em exposição são de acordo com a "minimal-art". Utilizando-se de poucos traços ou linhas, Charoux constrói sobre o espaço branco, conseguindo o máximo de rendimento, com o mínimo de elementos. Isto significa que ele explora a tendência "minimal-art" mais comungada nas esculturas ou objetos. É uma mostra que recomendamos, tanto pela boa técnica do artista como pelo seu aspecto didático.

Vanguarda iugoslava

O Museu de Arte Moderna da Prefeitura de Belo Horizonte está exibindo, desde sexta-feira, mostra coletiva

de artistas iugoslavos que participam da última Bienal de São Paulo — 9ª Bienal. Esta exposição que recentemente esteve no Museu de Arte Moderna do Rio, reúne esculturas de Vojin Bakić e Drago Tzavar, pinturas de Stojan Celic e Orlan Petković, gravuras de Halli Tikvesa e quadros-objetos de Toma Sijakovic-Sijak. Esta promoção do Museu de Arte Moderna da Prefeitura, permite quase que uma visão completa do que se faz na Iugoslávia em termos de arte contemporânea: desde o acento orgânico, existencial e sobrenatural de Petković, até a escultura programada e construtivista de Vojin Bakić, do quadro-objeto do núcleo de Sijakovic à figuração poética de Halli Tikvesa.

Festival de Inverno

Instalado a primeiro de julho em Ouro Preto, o Festival de Inverno, em virtude da prorrogação do prazo de inscrições, dá início hoje aos cursos: Artes Plásticas, Música, Teatro e Cultura Brasileira. Baseado em informes do setor de divulgação da Universidade Federal de Minas Gerais, concluímos que infelizmente o interesse despertado não é mais como aos anterio-

res. Contentasse que o Festival não é mais aquele e que de fato há um certo esvaziamento e falta de motivação entre os jovens artistas locais e infelizes. Na nossa opinião, isto é resultado da presença de gente medíocre entre os coordenadores e professores. Sem dúvida há gente especializada muito boa em proporção maior do que tais figuras, mas mesmo sendo minoria, comprometida. Outro sério problema em presença entre os professores e artistas jovens — importantes, em se tratando de participantes do movimento jovem, mas sem uma obra definida. Enfim, o atual Festival se salva pela presença positiva e antes de tudo do humanista do Prof. Rubens Romaneli, chefe do Conselho de Extensão da Retoria da UFMG. Para salvar o Festival, não custa nada: basta incluir entre os professores, os de outras escolas, como Maria Helena André, Sara Ávila, Inimá de Paula e muitos outros. Além disso, entre convidados é preciso que se observem mais os comprometidos em vez de halo de evedetos. Algo deve ser feito em favor do Festival de Ouro Preto, promoção de grande importância artístico-cultural, mas esvaziado de ano para ano por suas preocupações competitivas e de grupos.